

O papel da mulher nigeriana pelo viés do discurso pós colonial na obra *Fique Comigo* de Ayòbámi Adébáyò

The role of the Nigerian woman from the perspective of post-colonial discourse in the work Stay With Me by Ayòbámi Adébáyò

El papel de la mujer nigeriana desde la perspectiva del discurso poscolonial en la obra Quédate conmigo de Ayòbámi Adébáyò

Maria Luiza Silva do Espirito Santo¹
Mônica de Lourdes Neves Santana²

Resumo

SANTO, M. L. S. E. ; SANTANA, M. L. N. O papel da mulher nigeriana pelo viés do discurso pós colonial na obra *Fique Comigo* de Ayòbámi Adébáyò. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 2, p. 73-90, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2\(2024\)2279](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2279)

Este artigo busca analisar de que forma a perspectiva do discurso pós-colonial figura na obra *Fique comigo* (2017) da autora nigeriana Ayòbámi Adébáyò, por meio da categoria mulher e africana abrindo uma discussão sobre as construções de identidade fragilizada pela turbulenta vida social e política da Nigéria dos anos 1980. Será evidenciada a construção da personagem feminina Yejide em contraposição a Akin seu marido, refletindo sobre o dilema da obrigatoriedade da mulher casada se tornar mãe, caso contrário, será retratada na época como o outro, o ser desprezível, marginalizado. Utilizaremos uma metodologia documental, qualitativa exploratória enquanto que a adoção da abordagem pós-colonial explorada como referencial teórico irá conceder um novo olhar histórico. Os resultados mostram que é possível enxergar os povos periféricos, subalternos através da desconstrução dos diversos aspectos de base colonial reinterpretando a história a partir da ótica do colonizado redimensionando sua relação e as diferentes formas de discriminação.

Palavras-chave: Literatura Nigeriana. Mulher. Pós-colonialismo. Ayobami Adebayo.

Abstract

SANTO, M. L. S. E. ; SANTANA, M. L. N. The role of the Nigerian woman from the perspective of post-colonial discourse in the work *Stay With Me* by Ayòbámi Adébáyò. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 2, p. 73-90, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2\(2024\)2279](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2279)

This article seeks to analyze how the perspective of post-colonial discourse appears in the work *stay with me* (2017) by the Nigerian author Ayòbámi Adébáyò,

¹ Cientista Social pela Universidade de Pernambuco (UPE). Mestranda pelo PROFSocio na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj) E-mail: marialuiza.loacontato@gmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3097-3183>

² Pós-doutora em Ciência Política pela UFPE. Professora do curso de Relações Internacionais da UEPB. E-mail: m@detroz.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7583-1410>

through the category of woman and African, opening a discussion on the constructions of identity weakened by turbulent social and political life of Nigeria in the 1980s. The construction of the female character Yejide will be highlighted in opposition to her husband Akin, reflecting on the dilemma of a married woman's obligation to become a mother, otherwise she will be portrayed at the time as the other, the despicable, marginalized. We will use a documentary, qualitative, exploratory methodology while the adoption of the post-colonial approach explored as a theoretical reference will provide a new historical perspective. The results show that it is possible to see peripheral, subaltern peoples through the deconstruction of the various colonial-based aspects, reinterpreting history from the perspective of the colonized, resizing their relationship and the different forms of discrimination.

Keywords: Nigerian Literature. Woman. Postcolonialism. Ayobami Adebayo.

Resumen

SANTO, M. L. S. E. ; SANTANA, M. L. N. El papel de la mujer nigeriana desde la perspectiva del discurso poscolonial en la obra *Quédate conmigo* de Ayòbámi Adébáyò. *Rev. C&Trópico*, v. 48, n. 2, p. 73-90, 2024. Doi: [https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2\(2024\)2279](https://doi.org/10.33148/CETROPv48n2(2024)2279)

Este artículo busca analizar cómo aparece la perspectiva del discurso poscolonial en la obra *Quédate conmigo* (2017) de la autora nigeriana Ayòbámi Adébáyò, a través de las categorías de mujer y africana, abriendo una discusión sobre las construcciones de identidad debilitada en contextos sociales turbulentos, y la vida política de Nigeria en los años 1980. Se destacará la construcción del personaje femenino Yejide en oposición a Akin, su marido, en el que la mujer que no llega a ser madre es retratada en su momento como la otra, la despreciable, ser marginado. Utilizaremos una metodología documental, cualitativa y exploratoria mientras que la adopción del enfoque poscolonial explorado como referencia teórica proporcionará una nueva perspectiva histórica. Los resultados muestran que es posible ver a los pueblos periféricos y subalternos a través de la deconstrucción de los diversos aspectos de base colonial, reinterpretando la historia desde la perspectiva de los colonizados, redimensionando su relación y las diferentes formas de discriminación.

Palabras clave: Literatura nigeriana. Mujer. Postcolonialismo. Ayobami Adebayo.

Data de submissão: 17/04/2024

Data de aceite: 05/11/2024

1. Introdução

A obra *Fique Comigo* escrita por Ayòbámi Adébáyò, em 2017, é um romance ambientado na Nigéria a partir das últimas décadas do século XX. Este é um livro que percorre vários temas, mas que cumpre o papel de mostrar uma realidade por vezes ofuscada no contexto internacional da

literatura: a voz não ouvida, mas o corpo feminino como fonte de interesse.

Ao romper com as barreiras geográficas e se tornar um livro traduzido para diversos países, tendo inclusive figurado em listas do *New York Times*, a autora permite um alcance maior dos leitores sobre o conhecimento da cultura nigeriana, mesmo no contexto da ficção. Através desta obra conheceremos um pouco do país no final do século XX com narrativas sociais e políticas retratando a saga das mulheres nigerianas casadas.

Neste sentido, este artigo busca analisar o papel da mulher nigeriana tendo como objetivo específico focar na obrigatoriedade da maternidade em sociedades nigerianas e suas consequências na vida destas mulheres. Partindo do questionamento de como a obra *Fique comigo* da Ayòbámi Adébáyò contribui para o debate pós-colonial, serão discutidas problemáticas relevantes dentro deste contexto, considerando os temas abordados no livro e as discussões acadêmicas pertinentes.

Foi realizada uma análise bibliográfica de caráter qualitativo, pois não levantou dados, mas analisou a obra. Neste sentido, a pesquisa é classificada quanto aos objetivos como exploratória, investigando como a obra se configura nas personagens principais. Cumpridas as etapas necessárias para se atingir o objetivo aqui proposto, o trabalho acabou por elencar novas visões acerca do romance em uma perspectiva pós-colonial.

Já a relevância da escolha do tema se deveu às preocupações com a segurança da mulher em um mundo no qual persiste o problema do autoritarismo da sociedade, sobretudo na Nigéria em um país onde tudo é muito difícil para as mulheres; encarar a pobreza, o tráfico de bebês, a maternidade forçada. Nesse contexto, Fonseca (2004) afirma que se trata de uma construção criada em que a sociedade se volta apenas ao corpo da

mulher e a sua capacidade de gestar, amamentar e renovar-se todo mês no ciclo menstrual com atenção dirigida à criação dos filhos.

A autora da obra aqui contemplada, Ayòbámi Adébáyò, nasceu em Lagos, capital da Nigéria, mas também viveu em outras cidades do país: Ilesa e Ifé. Neste lugar, sentada na sala de casa, convivendo com suas tias escudou, desenvolveu curiosidades e aprendeu cada dia um pouco mais sobre o mundo das mulheres constituído por dores, angústias e tradições familiares (Faller, 2023). De Ilesa guardou as memórias de infância assim como o domínio da língua materna: Yorubá ijeshá. Em uma entrevista concedida ao *The Paris Review* (2017), ela afirma:

É a minha casa, e é um lugar que quero ver cada vez mais na literatura. Essa era uma das coisas que eu queria fazer com este livro [Fique Comigo]; escrever sobre este lugar que significa muito para mim. Nasci em Lagos e depois a minha família mudou-se para Ilesa. Passei uns cinco anos lá antes de nos mudarmos novamente. Meus anos de formação quando criança, quando você está aprendendo a linguagem, foi nesse ambiente [...]

Ayòbámi Adébáyò é filha da médica Olusola Famurewa e Adebayo Famurewa; cresceu em um ambiente com forte presença de livros. Aos dezesseis anos já colecionava cadernos onde escrevia suas próprias histórias e na universidade pública na cidade de Ifé se realizou cursando literatura inglesa (Faller, 2023).

Acrescentaremos que as temáticas e sua produção com personagens femininas são referências nas publicações da escritora demonstrando extrema relevância para analisarmos os reflexos da identidade cultural das mulheres nigerianas em aflição. Apresentando um conteúdo rico gerando visibilidade para a história de pessoas que geralmente ocupam um lugar de subalternidade.

Mais que revelar sobre a importância do casamento e a maternidade

como bases de discussão, este livro fala sobretudo sobre ser mulher silenciada. Desde o início dos tempos era exigido muitos deveres como cuidar do lar, dos filhos e uma servidão cega ao marido tanto na Nigéria quanto em outros lugares do mundo (Santo; Alves, 2022).

Como destaca Lerner (2019), com o fortalecimento de religiões e suas crenças, reforçou-se a ideia de monogamia e fidelidade para garantir que o homem saiba que é o pai legítimo da criança no ventre materno. Na verdade, tal imagem de submissão trata e promove a imagem da mulher branca europeia do século XVII. O que acontece é que os efeitos da colonização deixaram esses constructos na raiz das relações na sociedade nigeriana.

Nesse caminho, partindo do contexto histórico nigeriano, a obra tem como protagonista Yejide, uma jovem mulher recém-casada com o esposo Akin. Logo descobrimos que ela enfrenta diversos conflitos na alma e em seu corpo como a maioria das mulheres, uma vez que o enredo transita entre respeitar o passado e manter o presente, dos anos 1980 aos 2000 (Faller, 2023).

Sobre o contexto histórico no qual o enredo está imerso, a autora teve como pano de fundo acontecimentos críticos e injustos considerados importantes para a história nigeriana, como o golpe de 1983 que depôs o presidente democraticamente eleito Shehu Shagari e deu poder ao militar Muhammadu Buhari, e a tensão política dos anos adjacentes (Faller, 2023).

A par desta breve transparência política, para analisar o papel da mulher casada nigeriana e sua adaptação à vida na família de seu marido, faz-se primeiro necessário entender como a obra funciona dentro do cenário da época. Os personagens principais a serem analisados são Yejide e Akin, que tem suas vidas estabelecidas nas cidades de Jos e Ilesa de 1985 até 2008 em meio a ditaduras militares, resistências e silenciamentos. De fato, foram

anos importantes para a Nigéria e seus cidadãos. Em síntese: os dois jovens se apaixonam na faculdade e logo se casam.

Nos primeiros parágrafos, observamos uma escrita sensível e envolvente com uma trama misteriosa e uma leitura fascinante que vai se aprofundando e se complicando, através dos personagens que apresentam problemas no convívio diário, principalmente devido à imposição da maternidade, que acaba por definir o papel da mulher casada. De fato, o casamento entre os dois seria feliz se não fosse a sogra de Yejide com suas cobranças e as normas das sociedade patriarcal nigeriana, em que a poligamia para homens é aceita (Faller, 2023).

Fique comigo explora as pressões do machismo que pode destruir mulheres, e as relações pessoais em grande parte quando a família se preocupa mais com a forma em que a sociedade irá julgar, do que com a felicidade do casal. Yejide passa então a viver apenas em prol dessa necessária gravidez, mudando a sua maneira de agir e de pensar, buscando esse objetivo.

Houve um tempo em que eu teria ignorado as palavras da Sra. Adeolu, um tempo em que eu não acreditava em profetas que viviam em montanhas nem em sacerdotes que oficiavam à margem de rios. Isso foi antes de eu me submeter a diversos exames no hospital e cada um deles demonstrar que não havia nada me impedindo de ficar grávida. A certa altura, comecei a desejar que os médicos encontrassem algo errado, algo que explicasse por que minha menstruação ainda vinha todos os meses, anos depois do meu casamento. Queria que eles achassem algo que pudessem tratar ou remover. Mas eles não encontraram nada (Adébáyo, 2011, p. 47).

Vale dizer que Yejide e Akin concordaram em manter um casamento monogâmico, apesar de ser esperado que Akin tivesse várias esposas, como os outros casais de tradição Yorubá. Depois de estar casada há quatro anos, Yejide percebe que não consegue engravidar; já tentou de tudo, tomou chás

estranhos, consultou-se com médicos especialistas em fertilidade e curandeiros, procurou curas improváveis. A esse respeito, espera por um milagre e se sente cobrada todos os dias por todos os lados da sociedade, mas acredita que ainda há tempo. Enquanto isso, a família do marido, em especial a sua sogra, cobra insistentemente por uma criança para dar prosseguimento a linhagem familiar. O fato do irmão de Akin, um advogado, ser mais novo e ser pai com vários filhos complica a situação e a pressão.

Considera-se que para uma mulher ser assim denominada é preciso ter parido, e dar prosseguimento ao nome da família – caso contrário, deve ser castigada, desocupando o lugar de esposa para outra mulher saudável; ficando na posição de escanteada, marginalizada, diminuída e silenciada.

Acompanhada pela sogra, Yejide vai a inúmeros rituais para atrair fertilidade mesmo que isso acabasse com sua saúde física e mental. No fragmento abaixo, fica visível a visão de objetificação e identidade da mulher vista como reprodutora na sociedade nigeriana.

Você já viu Deus em uma sala de parto parindo um bebê? Diga-me, Yejide, já viu Deus a maternidade? As mulheres fabricam crianças, e se você não consegue fazer isso então não passa de um homem. Ninguém deveria chamá-la de mulher [...] Se não pode ter filhos, basta permitir que meu Akin tenha filhos com Funmi. Veja, não estamos pedindo que você deixe de ocupar seu lugar na vida dele, estamos apenas dizendo que deveria chegar para o lado para que outra pessoa possa se sentar (Adébáyo, 2011, p. 47).

A família de Akin insiste que ele tenha uma outra esposa. Dessa forma, gera-se uma turbulência de emoções e a fragilidade do amor matrimonial. Surge uma segunda jovem moça para Akin – desconhecida de todos e apresentada a Yejide que, por sua vez, passa por uma gravidez psicológica gerando uma tensão na família que não acredita nela. Ela sabe que o único

modo de salvar seu casamento é engravidando.

Não pensei em Akin e no que ele diria, que eu estava ficando louca. Não pensei em Moomi, que me lembraria que eu não pisaria em terreno firme na casa de seu filho enquanto não lhe desse um filho. Não pensei nem mesmo em Funmi, que já poderia estar grávida. Olhei para a trouxa em meus braços e vi o rostinho do meu filho, senti o cheiro fresco de talco e acreditei (Adébáyo, 2011, p. 51).

Nesta linha de pensamento, a condição da mulher nigeriana provoca reações que podem ser observadas em relação ao seu corpo. Na obra *Fique comigo*, percebemos diversas atitudes contra as personagens nas quais o corpo se mostra como domínio do masculino e obrigatoriamente disposto à maternidade. Isso parte do pressuposto de um “corpo social”, necessário para viver dentro de uma sociedade, e do qual o indivíduo não possui completo domínio e sofre influência de seu contexto social (Helman, 2009).

2. Reflexos da Nigéria Colonial

A partir do início das civilizações estruturadas em comunidades, surgiram interesses econômicos entre as nações que priorizavam conquista de territórios, poder e riquezas. Esses atributos foram cruciais na construção de identidades individuais e grupais, culturais e sociais entre as classes dominantes e a dos dominados. O cenário que se projetava para a época era o de que países com poder bélico potente passara a dominar a economia e colonizar partes do planeta trazendo para si a mão de obra barata, seus minérios e mercadorias valiosas (Marcelo, 2019).

De acordo com o congolês Elikia M'Bokolo (2011), um dos fatores que acelerou a invasão europeia foi a imagem inventada pelos europeus a

respeito do continente africano como negativa. Para o autor, o poder público e a imprensa encorajaram isso através das expedições.

[...] ficavam legitimadas a colonização, muito antes da corrida aos territórios, e todas as teorias sobre a incapacidade congênita dos africanos em igualarem os brancos em matéria de desenvolvimento técnico e econômico ou de organização política teorias essas que iriam durar muito para lá da colonização (M'Bokolo, 2011, p. 323).

Neste sentido, um dos objetivos da colonização era inserir o continente africano em uma economia liderada pelos europeus. Em uma visão mais particular temos a Nigéria, que no ano de 1960 declarou sua independência do colonialismo britânico. Já em 1967 enfrentou uma guerra civil brutal mundialmente conhecida, a Guerra de Biafra, com destaque para a parte leste da Nigéria, composta pelo povo Igbo que buscou emancipar-se do restante do país como a República da Biafra (M'Bokolo, (2011) .

Mesmo depois de anos como colônia britânica, a Nigéria continua a sofrer as consequências de sua colonização, transitando entre o choque da cultura ocidental e oriental. Como acontece entre Yejide e Akin que optam pela monogamia e os preceitos ocidentais enquanto que seus pais obedecem às normas da cultural local. A Nigéria, colonizada por diversos países europeus, sobretudo a Inglaterra, carrega em sua história os reflexos desta colonização (Marcelo, 2019).

Outro efeito negativo que a colonização britânica trouxe foi a perda de sua independência política, fragilidade na identidade individual, na sua soberania, assim como aconteceu com outros países do continente africano. Essas perdas motivaram muitas lutas, que culminaram em conflitos intensos. Por outro lado, ao longo de árduos anos de luta, a cultura nigeriana

extrapolou suas fronteiras, tendo obras como *Fique comigo* de exemplo e se tornado conhecidas por diversas nacionalidades.

Como esclarece Fanon (1952, p. 186), “em alguns países, o negro penetrou a cultura”. O que muda são as formas como isso veio acontecer – no caso do Brasil, por exemplo, a herança da cultura nigeriana vem da escravidão. A religião do Candomblé foi introduzida no Brasil por africanos escravizados, muitos dos quais eram iorubá, conhecidos aqui como nagôs. Temos então como exemplo a presença da cultura de um país colonizado dentro de outro país colonizado.

Nas entrelinhas ideológicas vemos a Nigéria em um cenário político-econômico conflituoso associada a conflitos internos e externos em que famílias que habitam nas aldeias foram levadas a cidades sem recurso como Lagos, e além da dificuldade de promover alimento, existe o comportamento sociocultural reprodutivo de constituir famílias numerosas – aspecto fundamental em um casamento bem sucedido para a etnia Igbo.

Como identificam Martins e Martins (2021), as mulheres, em tais circunstâncias e contexto, são pressionadas a gerar renda, as dificuldades eram ainda maiores, considerando a responsabilidade com a criação e educação dos filhos.

3. A posição da mulher em *Fique comigo*

Como já assinalado anteriormente, por meio da obra é possível saber mais sobre a tensão política e o cotidiano da Nigéria, e também sobre suas características culturais – relembrando que Yejide e Akin se conhecem em Ifé, a mais antiga cidade iorubá. Ifé é solo sagrado para os iorubá, que a consideram sua capital religiosa.

De acordo com Resende (2013), através das cenas que se passam em um livro, vamos conhecendo mais sobre aquele país. Além disso, temos contato direto com a realidade da mulher nigeriana, num contexto de subjugação que aparece muito nos estudos pós-coloniais a serem descritos em breve.

Os estudos pós-coloniais, em sua intersecção com o feminismo, valorizam o marco histórico em que se dá a produção e a historiografia literária dos países que experimentaram o processo de colonização. A intenção de estudar essa produção se justifica, a princípio, pela própria preocupação que se verifica entre os escritores africanos em suas frequentes incursões sobre a relação entre literatura e história, pela qual buscam redescobrir o passado (RAMIREZ, 1999) e reinventar a nação, bem como combater as versões deturpadas e clichês sobre a África erigidos pelo Ocidente. Entre esses lugares-comuns, vê-se a África descrita como espaço misterioso e pleno de perigos, cuja população atua como mero elemento da paisagem geral aos olhos e a serviço do homem europeu (Resende, 2013, p. 8).

As mulheres foram duplamente oprimidas na Nigéria: primeiro por suas tribos, que possuem um histórico de violência, e depois por seus colonizadores. São séculos de exploração, de sofrimento. *Fique Comigo* demonstra ainda a dor do amor matrimonial rompido por pressões sociais, devido à poligamia forçada no contexto dos personagens (Resende, 2013).

Do ponto de vista da maternidade, o livro mostra como os filhos representam para os pais uma herança, um troféu, um legado importante a ser deixado no mundo para preservar a memória, como reflete a personagem Yejide ao dizer que “às vezes acho que temos filhos porque queremos deixar alguém que possa explicar ao mundo quem éramos depois que morremos” (Adébáyò, 2017, p. 121).

Isto posto, há uma crença muito forte na Nigéria de que um casamento não é completo sem a presença de um filho. Essa relação com os

filhos faz parte do contexto do país, mas também se assemelha à relação com a maternidade em outras culturas, tornando o livro um objeto de identificação para os mais diversos leitores.

4. O viés do pós-colonialismo

Observa-se assim que trazendo uma retrospectiva acerca do discurso colonial, existe um embate cultural da diferença que procura conferir autoridade nos hibridismos culturais. Isso é demonstrado no uso de estereótipos, que podem ser considerados como uma forma de conhecimento em conjunturas discursivas embasando a marginalização e discriminação com políticas de hierarquização racial e cultural como aparatos de poder.

Isto pode gerar uma relação de opressão onde, a partir do olhar da maioria, o "outro" (minoridade) se apresenta com uma conotação negativa, e a "maioria", uma positiva. As pessoas não podem ser como querem; têm que ser como a maioria (e.g., casar com uma pessoa do sexo oposto; não abusar de drogas ilícitas), ou serão consideradas desviantes, inadaptadas ou marginais. Nessa relação de opressão, os estereótipos surgem e se cristalizam. Como discute Hall (1997), estereotipar faz parte da manutenção da ordem social e simbólica, estabelecendo uma fronteira entre o "normal" e o "desviante", o "normal" e o "patológico", o "aceitável" e o "inaceitável", o que "pertence" e o que "não pertence", o "nós" e o "eles". Estereotipar reduz, essencializa, naturaliza e conserta as 'diferenças', excluindo ou expelindo tudo aquilo que não se enquadra, tudo aquilo que é diferente (Roso *et al.*, 2002, p.78).

Vale salientar, no entanto, que a escolha das perspectivas pós-colonialistas não invalida outras interpretações teóricas. O pós-colonialismo dá um tratamento adequado à prática discursiva que reforce o padrão de dominação colonial e as práticas de resistência evidenciadas na obra. O que se traz aqui é uma interpretação dentre tantas outras possíveis.

Como a obra *Fique comigo* da Ayòbámi Adébáyò contribui para o debate pós-colonial? O contexto pós-colonial leva em consideração a lógica do pensamento colonial e sua mensagem de poder. A depreciação do ser humano baseada em inferioridade moral e biológica influenciou, pelo discurso, as representações sociais. A tradição sociocultural de imagens negativas sobre o outro inferiorizado; mulheres, idosos e crianças explicam e debatem a persistência dos padrões dominantes no discurso contemporâneo como acontece na literatura nigeriana em questão (Andrighetto, 2017).

As perspectivas pós-colonialistas permitem compreender o motivo dos silêncios das nigerianas em torno de questões centrais da cultura exemplificados na personagem Yejide, como a submissão e obediência às regras da sociedade em que está inserida. Além disso, temos no livro a personagem Funmi, que vem a se tornar a segunda esposa de Akin e, ao ver que Yejide, a primeira esposa, finalmente engravidou enquanto ela continua sem prover filhos, comete suicídio. Esses exemplos reforçam a pressão social que existe em torno destas mulheres no contexto do casamento e da maternidade.

Obras de ficção podem ser formas de manter ou de transformar imagens construídas acerca de países colonizados. Como afirma Daise Dias (2008, p. 7), “a construção de uma imagem estereotipada para os povos colonizados é uma ferramenta importante na construção da ordem tanto interna quanto externa à metrópole, por que, dentre outros pontos distorce a condição primeira do subjugado”. Ter livros de autores nativos desses países sendo publicados ao redor do mundo rompe com esses estereótipos, permitindo um maior acesso à cultura originária.

Esse é um reflexo do avanço das tecnologias digitais que facilitaram a popularização de diversos artistas. Uma vez viralizada em um ponto do

globo, torna-se aquela obra um desejo de diversos internautas que conheceram aquele trabalho através da internet. E nem é necessário esperar a cópia física, já que os arquivos digitais têm ganhado cada vez mais adeptos.

Considerando que a ficção literária é uma forma de entretenimento para milhões de leitores, essa ascensão de textos não coloniais permite um contato natural com diversas perspectivas, para além da curiosidade acadêmica/científica. Não é necessário ver um documentário ou ler um artigo para romper com a lógica colonial; isso também acontece através daquilo que consumimos nos momentos de lazer. Os conflitos apresentados na obra muito se enquadram na discussão pós-colonial, considerando que:

O pós-colonialismo seja uma narrativa que faz oposição ao eurocentrismo, que se baseia na ideia de que os países da Europa Ocidental seriam culturalmente mais evoluídos e mais civilizados e que deveriam, dessa forma, administrar as periferias, justificando que as margens são inexperientes e precisariam de controle para o processo civilizatório, naturalizando a dominação do homem (Santana, 2021, p. 18).

Lembremos que um dos primeiros embates da história envolve a cultura poligâmica da Nigéria, que vai de encontro aos princípios de Yejide em relação ao amor e casamento. Akin, seu esposo, demonstra concordar com ela; entretanto, certas pressões sociais acabam mexendo com essa percepção do casal. A discussão sobre o tema entra na vida do casal principalmente pelo fato de, após quatro anos de casados, eles ainda não terem filhos. Dentro da cultura nigeriana da época esse fato acaba sendo bastante mal visto, principalmente pelos familiares do casal, o que provoca certa instabilidade.

O uso do pós-colonial é central para problematizar e chegar a reflexões profundas e revisitar a marcha da história nigeriana, exigindo-se

uma revisão crítica de conceitos hegemônicos e a necessidade de repensar o passado com perspectivas futuras. A literatura de Adébáyo está envolvida nos debates pós-coloniais projetando uma narrativa de impossibilidade do lugar de direito da mulher, e lugar de fala em um sistema de relações de poder.

Bhabha (1990) afirma que os projetos nacionais trazem um fardo de silêncios e esquecimentos, no caso da Nigéria recai sobre as mulheres, pela vitimização, imagens de desprivilegiadas sujeitas à dominação do homem e da sociedade. Uma análise corroborada no papel da mulher nigeriana submissa, com funções rigorosas e delimitadas.

Dentro desta narrativa, a protagonista Yejide é por vezes silenciada, sendo os seus desejos raramente respeitados. Em outros termos, não existe diálogo, mas uma dominação violenta da sociedade à identidade individual.

Pode-se observar que toda a população nativa nigeriana passou por opressão, entretanto, as mulheres sempre se encontram em posição ainda mais vulnerável.

É mais uma questão de que, apesar de ambos serem objetos da historiografia colonialista e sujeitos da insurgência, a construção ideológica de gênero mantém a dominação masculina. Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade (Spivak, 1985, p. 66-67).

Para a autora indiana pós-colonial Gayatri Spivak, o sujeito subalterno pertence às camadas mais frágeis da sociedade e essa situação é mais arduamente imposta às mulheres, visto que a “mulher como subalterna, não pode falar e quando tenta fazê-lo não encontra os meios para se fazer ouvir” (Spivak, 2010, p. 15).

Ao mesmo tempo, por se passar em um período histórico conturbado, por vezes no livro o contexto sociopolítico se sobrepõe aos problemas pessoais dos personagens, assim como eles não conseguem transcender às pressões sociais e acabam se submetendo a situações contra a sua vontade. Eles se encontram aprisionados a uma vida em que suas vontades não possuem significado.

Dito isso, Yejide luta para assegurar seu posto de esposa. Firme no seu direito e corajosamente, ela recorre a algo extremo e engravida do cunhado, que se coloca como disponível para tentar garantir uma fecundação, tendo isso como a última esperança de se libertar da pressão a que está submetida e cumprir com as cobranças das tradições culturais trazendo um herdeiro para a família. Por duas vezes ela consegue engravidar, mas as crianças faleceram devido a uma condição genética. Na terceira vez, Yejide já se vê numa outra posição, pessimista, delegando a responsabilidade de cuidar da criança ao seu marido, Akin, pois ela mesma já não se vê em condições de criar a filha.

Finalmente, neste artigo, considera-se que a obra traz a possibilidade de se construir um debate pós-colonial no contexto das mulheres nigerianas, passo este fundamental para o processo de formação dos seus direitos, consciente de que a igualdade apresenta ainda lacunas, mas que a repercussão de livros como os de Ayobami Adebayo contribui para a disseminação de novas ideias e discussões.

5. Considerações Finais

À guisa de arrematar as elucubrações postas neste artigo, trazemos as seguir algumas considerações que julgamos relevantes.

Em primeiro lugar, faz-se mister assinalar que o mercado literário é também marcado por relações de poder, numa dinâmica dicotômica entre classe dominante e classe dominada, entre colonizadores e colonizados. Obras de países que não pertencem ao eixo Europa-EUA foram por vezes consideradas excêntricas, de uma realidade distante, de qualidade inferior. Entretanto, aos poucos, isso tem mudado.

O debate sobre o papel da literatura ficcional para a construção pós-colonial permeia diversos pontos de análise, tendo apenas alguns deles sido explorados aqui. Ler obras escritas por autores nativos como a que analisamos, significa também dar voz a eles e seus personagens, ter contato com outras culturas, outras lógicas sociais, outros parâmetros de comparação. Não é mais necessário aceitar as imposições de valores e crenças eurocêntricas, e a ascensão da literatura nigeriana tem demonstrado isso.

A autora nigeriana Ayòbámi Adébáyò apresenta-se insatisfeita com as condições do casamento em seu país, e demonstra isso ao narrar esta história de temática polêmica: a obrigatoriedade da maternidade que recai sobre Yejide, atribuindo-se a culpa somente ao sexo feminino e nunca ao masculino; situações em que as mulheres tem seus corpos comandados e julgados pela sociedade. A obra demonstra que Yejide foi considerada um fracasso e só foi respeitada como uma mulher bem-sucedida e feliz quando se tornou mãe.

Pode-se concluir que o debate pós-colonial dá voz às mulheres subalternas como Yejide, que criticam a sociedade patriarcal nigeriana, no qual relatam suas experiências e demandas para tecer suas histórias de sobrevivência em meio às pressões ditadas pela sociedade.

Referências

- ADÉBÁYO, Ayòbámi. *Fique comigo*. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2018.
- BHABHA, Homi K. *Nation and narration*. London: Routledge. 1990.
- DIAS, Daise L. F. *A ideologia imperialista na Literatura Colonial Inglesa*. Revista de Humanidades, UFRN. Rio Grande do Norte, v. 9 n. 24, 2008. Disponível em: https://www.academia.edu/1914093/A_IDEOLOGIA_IMPERIALISTA_NA_LITERATURA_COLONIAL_INGLESA
- FALLER, Thalia. *Escritoras dos emaranhados dos tempos narrativas de identidades em buchi emecheta, sefi atta e Ayòbámi Adébáyò* (Nigéria, 1970 – 2017). Dissertação de mestrado programa de Pós Graduação em História. UFFS. 2023.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu editora, 2020.
- HELMAN, G. CECIL. *Cultura, saúde e doença*. Editora Artmed, Edição 5, 2009.
- MARCELO, Nathalia Almeida. Nigéria no século XX e as marcas da colonização: uma Análise de Hibisco Roxo de Chimamanda Ngozi Adichie. *Revista Humanidades e Inovação*. V. 06, n. 8. 2019.
- MARTINS, Waleska Rodrigues de Matos; MARTINS, Sergio Ricardo Oliveira. Nem so útero, nem só sexo: o coro e a condição feminina na literatura de Buchi Emecheta. UBA. *Afro-A'sia*. n. 64. 2021.
- M'BOKOLO, Elikia. *Africa negra: história e civilizações*. V. 2. Salvador: EDUFBA; São Paulo: casa das Áfricas. 2011.
- RESENDE, Roberta M. *Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie*. UFSJ: Agosto de 2013. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/Dissertacao%20Roberta.pdf>
- ROSO, A.; Strey, M.N.; GUARESCHI, P.; e BUENO, S.M.N. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psicologia & Sociedade*. 14 (2): 74-94; jul./dez.2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/ScgBPSCs36N664M84wRY7hw/?lang=pt#>
- SANTANA, M. L. N. . Mas o que é mesmo pós-colonial? *Revista Eletrônica do Grupo de Pesquisa Jornalismo e Cidadania* , v. 42, p. 18-19, 2021.
- SANTOS, Danielle. F. dos; ALVES, Elis Regina Fernandes. A imposição da maternidade e o fracasso na Nigéria moderna em Fique Comigo (2017), de Ayobámi Adébáyò. *Travessias Interativas*. ISSN 2236-7403. N. 25 vol. 12. 2022.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. Editora UFMG: Belo Horizonte, 2010.